

Meu Amigo Jodacil ¹

Ricardo Dias²

Bom dia. Meu nome é Ricardo Dias, estou aqui para falar do homenageado do Festival, Jodacil Damaceno, que acabamos de ouvir. Esta gravação foi feita uns seis meses antes de ele morrer, já estava com uns oitenta anos. Foi feita de madrugada, na casa do Sérgio Abreu, já houve disco gravado lá, o Edelton Gloeden, se não me engano já gravou lá, é um lugar silencioso com uma acústica boa. Jodacil queria deixar um registro final de algumas músicas que amigos compuseram e eu fiquei lá ajudando. A última não deu tempo de ajustar. Esta gravação que mostrei, o Sérgio Abreu conseguiu dar uma ajustada e eu tive a alegria de estar com ele. Tem coisas que são engraçadas: a última música que ele gravou - chama-se “Última inspiração” - foi a primeira que ele escutou. A ouviu tocada por um palhaço de circo, na cidade dele. Quando o circo chegava, vinha um palhaço cantando e tocando violão e, curiosamente a última música que ele gravou foi esta.

Tenho que começar isto aqui falando o seguinte, Jodacil, no dia três de novembro, faria 82 anos e morreu dia 10 de novembro, há mais ou menos um ano. Há uns dois anos estava voltando com ele de uma festa, eram duas e pouco, três horas da manhã, eu disse para ele: “Jodacil, quando você morrer eu vou ganhar dinheiro às suas custas, vou dar palestras a seu respeito, vou me dar bem!”. Ele riu e falou: “Quando eu morrer, depois de uma semana ninguém lembra mais de mim!” Estão vendo, eu disse que iria, não estou ganhando dinheiro, mas já estou começando!

Resolvi não preparar um texto, fiquei aqui pensando no que iria falar. A vida deste cara foi um negócio muito impressionante, de biografia eu vou falar pouco, porque o foco principal do Jodacil era dar aula, ele dava aula até quando estava atravessando a rua. Mas a história pessoal dele foi um negócio incrível. Ele nasceu em 1929, em uma cidade do interior do Estado do Rio, não tinha luz elétrica, não tinha nada. Um belo dia a mãe dele faleceu, ele tinha muitos irmãos e eles eram empregados da família do professor de violão do Rio de Janeiro, Leo Soares, professor da UFRJ, decano de lá. A família do Leo pegou os irmãos dele para criar, dois foram para o colégio interno, outros dois eles criaram e o Jodacil, que já era “velho,” já era “adulto”, foi trabalhar. Ele tinha quatorze anos. Foi para o

¹ Palestra apresentada no V Simpósio Acadêmico de Violão da Embap, de 23 a 29 de outubro de 2011.

² Violonista, luthier, co-moderador do fórum online violao.org e palestrante

Rio de Janeiro, em plena segunda guerra mundial e foi trabalhar, viver a vida dele. Foi ser atendente de botequim, servia cafezinho, essas coisas todas e o pouco dinheirinho que sobrava, ele morava em quarto de pensão, ele usou para estudar. Diferentemente de certos presidentes que têm orgulho de ser ignorantes, com quatorze anos de idade ele punha na cabeça: vou estudar. Até tem uma passagem gozada porque, perto do bar tinha um salão de cabeleireiro; o dono do salão o convidou para trabalhar lá, daí o Jodacil disse que era melhor não - “o dono do salão me olhava de um jeito esquisito, achei melhor não”. Daí ele foi fazer curso de datilografia, essas coisas, trabalhou em uma empresa como Office-boy, estudando para melhorar de vida e foi trabalhar em uma firma de navegação, chamada Navegação Camuirano.

Uma coisa que eu acho engraçada é ver como o destino vai fazendo a pessoa se mexer. Ele gostava muito de música, sempre gostou e aí, com vinte e poucos anos se enrabichou pela filha de um dos gerentes desta firma - é Ignez, que veio a ser a sua esposa por cinquenta e tantos anos, ela resolveu estudar acordeom e foram juntos - para ficar juntos fazemos qualquer coisa! Ele descobriu que o professor de acordeom também ensinava violão, daí ele pensou: “eu gosto mais disso daqui”, comprou um violão em sociedade com um amigo e foi estudar violão com esse professor. Vendo que o Jodacil era uma pessoa muito séria, falou para ele: “olha, eu não tenho muito para lhe ensinar, mas eu posso lhe apresentar uma pessoa que pode te ensinar melhor”, que era o Professor Antônio Rebello que veio ser avô dos irmãos Abreu. Aí o Jodacil foi lá e se encantou, era o que ele queria mesmo e começou a estudar aquilo a sério.

Ao mesmo tempo, aí é que eu acho engraçado como o destino funciona. Foi trabalhar com ele, foi ser auxiliar dele, um cidadão que se chamava Hermínio Bello de Carvalho, um dos maiores pesquisadores da música brasileira. O Jodacil era uma pessoa extremamente tímida, um cara pra dentro, discreto e o Hermínio era o oposto. Naquela época, a parte de cultura, música, não tinha nada especializado mesmo. O Hermínio era um cara fuçador, às vezes ele se metia em auditório de rádio, jornal e arrastava o coitado do Jodacil. O Jodacil, por sua vez, apresentou o Hermínio ao professor Rebelo e naquela época o Turíbio Santos estava começando a estudar com eles também, mas bem mais jovem do que eles, então eles formaram um trio lá que andavam pra lá e pra cá com o violão. A existência do Hermínio na vida do Jodacil foi fundamental, pois Jodacil ia ficar lá tocando seu violãozinho e não ia sair da casca nunca. O Hermínio inventava histórias, era um cara com uma criatividade brutal. Ele conhecia um e dizia: “você vai recitar suas poesias, mas eu vou arranjar um cara para tocar violão para você”, daí ele arrastava o coitado do Jodacil que ia, apavorado, mas ia.

E foi exatamente esta criatividade do Hermínio que fez com que o Jodacil saísse da casca e fosse viver, a ponto de... entre estas histórias, esta era a favorita do Jodacil: Uma vez os três estavam andando no centro da cidade do Rio de Janeiro, tipo de coisa que só acontecia no Rio de Janeiro na década de cinquenta, em nenhum outro lugar do mundo. Simplesmente quem estava atravessando a rua: Segóvia. O Segóvia foi casado, morou junto com uma brasileira, a Olga Coelho, uma pessoa que eu conheci e que com 92 anos era uma força da natureza. Eles maquinaram: “o Segóvia está aí, vamos dar um jeito de falar com ele de qualquer jeito”. Aí combinaram a tática, Turíbio não quis (Turíbio contava essa estória diferente, mas o Jodacil jura que o Turíbio amarelou e foi embora para casa). Então ele e Hermínio e bateram na porta, na cara de pau, da Olga e ela, muito esperta, percebeu na hora o que estava acontecendo. No que ela atendeu a porta, o Segóvia gritou lá de dentro: “quem está aí perturbando?”. Aquela coisa: “já estão me enchendo o saco aqui!” “- São amigos meus!” Eles inventaram que iam levar um convite para ela, uma coisa completamente debilóide. Aí ficaram lá enchendo o saco do coitado do Segóvia. Jodacil perguntou alguma coisa e nunca esqueceu disto. Segóvia fez uma escala violentíssima em uma velocidade brutal, Jodacil perguntou: “como você faz isso, com apoio ou sem apoio?”. “Nem um nem outro”, e daí fez outra. Jodacil não entendeu como ele fez, mas ficou com aquilo marcado.

Outra história destas que marcou o Jodacil e fez diferença na vida dele: O Villa Lobos fazia palestras para estudantes, músicos de um modo geral. Todo ano ele tinha isto. Em uma dessas foi o Jodacil, o Turíbio e o Hermínio. O Villa estava falando da obra dele para violão e chamou os violonistas para a mesa, essa história o Turíbio conta um pouco diferente. Jodacil perguntou umas coisas do Estudo VII: “como o senhor pensou naquilo, porque não está muito claro”, e o Villa respondeu: “olha, eu escrevi assim, o Segóvia faz daquele jeito lá, você faça como achar mais bonito”. E isso, na cabeça do Jodacil, gerou uma ruptura, e ele pensou: “espera aí, se o Villa falou que eu posso fazer como eu achar mais bonito, então eu posso fazer o que eu bem entender”.

Isso vai ser muito importante para poder falar do Jodacil professor, porque aí é que a gente entra no filé mignon da vida dele. Ele não era um professor impositivo, tem que fazer isso, tem fazer aquilo. Jodacil era neurótico no sentido de: ele falava que a pessoa tinha que ter uma técnica que não obrigasse a fazer esforço desnecessário. Eu e o Jodacil intercambiávamos vídeos, a gente achava um vídeo e fazia uma cópia um para o outro. Eu ganhei um vídeo, acho que ele era um escocês ou inglês. Eu mostrei para o Jodacil e disse: “é, este cara toca direitinho”. Jodacil olhou o cara tocando e disse: “esse rapaz vai ter uma lesão, do jeito que ele está tocando... vai ter uma lesão”. Quando comentei isto com alguém, me disseram: “ele já tem uma, parou de tocar, ele teve um problema lá qualquer sério e parou”. Duas vezes eu já vi o Jodacil fazer isso, uma em um recital de um rapaz do Rio,

Jodacil disse: “esse cara está tocando um repertório acima das possibilidades dele, vai ter uma lesão a qualquer momento”. Deu um mês o cara teve que parar de tocar um bom tempo.

Ele tinha um *feeling* de tanto dar aula, porque não era aquilo de só repetir, ele não era aquele professor burocrata que só ficava naquela mesma aulinha. Cada aluno para o Jodacil era uma coisa diferente. Não tinha isso, marcava a primeira aula, você vai tocar isso, isso. A cada aluno ele ouvia, o Henrique Pinto era muito parecido com isso também. Cada aluno era um detalhe. O Marcelo Kayath, não fosse o Jodacil, teria tido muito mais problemas. Ele tinha uma dificuldade lá qualquer que não tinha potência de polegar, o polegar dele era meio pra dentro. Jodacil falou, falou, falou não deu certo, Jodacil escreveu estudos específicos para resolver o problema. Deve ser colocado brevemente no Youtube um vídeo de uma *masterclass* dele em que se pode ver o absurdo que é o polegar do Marcelo, ele tem um martelo, uma pancada violentíssima e tudo isso, segundo ele mesmo, graças ao cuidado do Jodacil com o polegar dele.

Quando o Jodacil morreu comentaram com a Joyce, a cantora Joyce, que foi aluna dele, na década de 70. Ela falou: “puxa vida, o homem responsável pelas melhores mãos direitas do Brasil foi embora”. Jodacil tinha uma obsessão pela mão direita e ele mesmo reclamava que nunca havia dado o devido valor à esquerda, ele sempre preocupou demais com a direita e a esquerda acabou ficando um pouco largada. Mas, esta postura diante de cada aluno do Jodacil era uma coisa, olha, era comovente. Jodacil me deu algumas aulas, a dedicação dele pra mim era a mesma que daria para um candidato a concertista, ele não fazia distinção. O cara sentou pra ter aula, aquele cara era o centro do mundo, nisso o Jodacil era fantástico.

Outra coisa que vim conversando no carro, quando o Orlando Fraga veio me buscar. Eu conversei com o Orlando, estive em um seminário do Henrique Pinto em 1988, eu tive aula com o Orlando, Mario Da Silva também esteve nesse seminário, se não me falha a memória. Comentei com o Orlando, o meu primeiro contato com música contemporânea foi com ele, eu odiei, achei um lixo horrível, mas aquilo começou a abrir a minha cabeça, se não fosse o Orlando, talvez a minha relação com a música seria diferente. Então, quer dizer, a seriedade que o Orlando nos passou em uma semana, mudou minha vida de alguma forma. Eu acho que a função do professor é de modificar a vida do aluno, o Jodacil fazia isso frequentemente. Ele, ele, o cuidado dele, era único. Outra coisa também, para o pessoal aqui que vai dar aula...

Ainda ontem, eu no carro voltando, estávamos eu, o Orlando Fraga e a Elodie Bouny. Essa mesma Joyce que eu comentei era uma mulher belíssima, ainda hoje é uma mulher muito bonita. Ela aos vinte, queimada de praia de minissaia devia ser um negócio enlouquecedor, e tinha aula com o Jodacil. A Ignez, mulher do Jodacil não gostava muito da coisa não, mas o Jodacil não olhava, tava aqui a Joice, tava aqui o Mario da Silva pronto, era a mesma coisa (risos). Pro Jodacil era igual, pro Jodacil não fazia diferença, era igual, se a própria Ignez que era ciumenta observava, ela ficava de olho, não era besta. Comentei isso no carro e a Elodie falou o seguinte: “poxa isso ai faz toda a diferença”. Ela, desde os quinze anos teve um professor que ficava de olho, ela não aguentava que ficasse olhando, o cara ficava olhando as pernas dela, ela falou que preferia ter um professor gay... (risos). Parece bobagem, mas principalmente para as moças presentes, você vai ter uma aula, sabe, como é que você vai ter uma relação de confiança, porque a gente, homem, é sem vergonha, a gente olha com despreendimento emocional, mas a gente não se dá conta que para a mulher isso é diferente.

Tanto a relação do Jodacil com o aluno era tão visceral nesse aspecto que quem deveria estar aqui hoje, mas não pôde vir por uma questão de segurar a emoção era a Sandra Mara Alfonso, professora da Universidade Federal de Uberlândia. Ela não tem condições, depois de um ano da morte do Jodacil ela não consegue falar dele ainda. Uma relação de amor, de tanta confiança, porque eu acho que o professor tem que estabelecer uma relação de confiança com os alunos. Ele não pode ter competição com os alunos, ele não pode ficar com medo, porque tem professor que tem isso, o cara tem um pouco de medo, pensa: “esse cara é bom, vai ficar melhor do que eu”.

O Jodacil tinha uma relação de amizade com os alunos; todo mundo que morreu é gente boa. O cara morreu e ele é gente boa, matou a mãe, mas é gente boa. Jodacil não, você não encontra uma pessoa que diga: “ah, o Jodacil fez isso de errado, o Jodacil fez aquilo”. Cometeu erros, é claro, mas você não via uma pessoa falar mal dele, em termos de caráter, o cara era de uma integridade absoluta. Então eu acho que o pessoal que está estudando música, que vai dar aula, que vai formar gente, esse seja talvez o grande legado do Jodacil. A coisa da seriedade, da integridade. O negócio dele era a aula, não estava na frente dele uma mulher bonita, um cara feio, era um aluno. Assim, podia ser pagante, não pagante, ele cansou de dar aula de graça, ele cansou de pagar para o aluno ir ter aula com ele, pagar passagem para o aluno que não podia ir.

A única mágoa que o Jodacil tinha na vida, de uma pessoa que ele adorava e que fez uma crocodilagem com ele horrorosa. Foi uma pessoa que ele dava aula de graça, deu aula de graça a vida inteira, pagava para ele ir, dava o dinheiro da passagem. A pessoa ia para a casa dele, almoçava com ele e essa pessoa depois de anos, fez uma sujeira terrível

com ele, foi a única mágoa que o Jodacil tinha na vida, aquilo doeu muito, mas nem assim ele saía falando do assunto. Se ele estivesse aqui ia ficar meio sem graça de eu comentar isso, só para se ter uma noção de como a coisa funcionava na cabeça dele.

Então agora, em relação de termos musicais, por exemplo, o Guinga foi aluno do Jodacil e quem apresentou uma harmonia mais sofisticada na música, foi o Joda. Ele não só botava o cara para ouvir violão, ele botava o cara para ouvir música! Botava orquestra, botava piano e quem apresentou ao Guinga a harmonia de uma maneira diferente foi o Jodacil!

A relação dele com a música, Jodacil ouvia muito violão, adorava ouvir violão, podia ser ruim, podia ser bom, ele tava ouvindo, gostava muito. Mas ele ouvia música, de tudo! Ele adorava cravo, adorava música barroca de um modo geral, adorava canto de um modo geral. Ele tinha uma bela coleção de discos também, ele compartilhava muito isso com os alunos.

Uma coisa que ele fazia sempre, chamava os alunos dele, ia tocar o Fulano na cidade, podia ser o pior violonista do mundo, ele arrastava os alunos dele para assistir. “Ah, mas o cara é ruim!”. “Vamos, sempre se aprende alguma coisa, vamos assistir!”. Se aparecesse alguém bom, alguém importante, alguém que ele sabia que tinha alguma coisa para ensinar, ele não tinha insegurança. Vai ter uma masterclass com Fulano, ele obrigava o cara a ir assistir, “vai lá, você tem que aprender, o cara vai dizer coisas que eu não digo, vai dizer coisas que eu não sei”. Ele não tinha essa insegurança que muita gente tem de que o cara é melhor do que eu, o Jodacil não tinha disso. Isso ele pegou muito do professor Rebello, que era o avô dos Abreu. Quando os Abreu começaram a estudar violão, tava muito na cara pra quem viu. Por exemplo, a mãe do Sergio Abreu tocava piano, ele tinha aula de piano, quando a aula acabava, achando que não tinha ninguém olhando, o Sergio ia lá e tocava a aula toda de novo, em pé no piano, repetia tudo. Esse tipo de gente tem que ser cuidada de um jeito diferente, o avô percebeu de cara que ele não era suficiente como professor, ao aparecer no Rio uma grande professora, Monina Tavora, levou os netos para terem aula com ela. O Jodacil adotou isso do professor Rebello, dar ao aluno o melhor que ele possa receber, independentemente de ser ele que estava transmitindo. Ele não tinha ciúme dos alunos, quer dizer ele tinha ciúme brutal dos alunos, ele adorava os alunos todos. Ele sempre queria dos alunos o melhor, mas não tinha ego para ele, nessa hora não rolava.

Depois que ele morreu, eu fui ajudar a arrumar as coisas dele. Foi muito tocante, sabe aquelas caixas de camisa social? Ele tinha três caixas daquelas com programas de alunos. Tinha programa de aluno, recorte de jornal sobre aluno, tudo que tinha de aluno e que os alunos davam para ele, ele guardava ali, ele tinha tudo guardadinho. Aquilo foi muito comovente, o amor que ele tinha por aqueles alunos era realmente uma coisa muito...

realmente muito forte, muito forte mesmo. Ele guardava tudo, não tinha nada sobre os alunos, ou que os alunos mandassem que não estivesse recortado e guardadinho ali.

Então, esse amor que ele transmitia e essa dedicação. Se vocês conseguirem, quando forem darem as aulas de vocês, já é meio caminho andado. Uma vida pessoal fora da música, se vocês conseguirem esta dedicação.

Eu conheci o Jodacil de vista na década de oitenta. Quando ele se aposentou, teve um jantar na casa do Sérgio, esse jantar foi memorável. Estava ele, a Alice Artzt, violonista americana, a Olga Prager Coelho...A Olga, essa aí merece uns três livros a respeito dela, para se ter uma noção de como era a cabeça dessa doida. Ela contando a história: “é, eu estava lá no palácio esperando para falar com o Mussolini”, falando do Mussolini como que fala do padeiro da esquina. A Olga tinha mania de fazer desenho arquitetônico, gostava de desenhar planta de casa e tal: “eu tava lá desenhando e veio o segurança perguntando o que estava fazendo, achando que ia botar uma bomba no palácio, aí chamaram o Mussolini, aí eu fui falar com ele. Olhe, diziam que o Mussolini era grosso, ele foi tão gentil comigo...” A Olga era linda, era uma mulher maravilhosa, não havia como, o sem vergonha do Mussolini ficou dando em cima dela. Então, a Olga foi assistir as Olimpíadas de 1936, na Alemanha nazista, ela foi de Zepelim. Ela chegou lá e ficou no camarote presidencial, o camarote brasileiro era do lado do camarote do Hitler! Bem, ali eu conheci o Jodacil de fato, foi meio amor a primeira vista. Daquele dia em diante, eu conversava com o Joacil três vezes por semana a gente se falava muito. Esse período, esses dez últimos anos da vida dele, ele brincava muito dizendo que ele era meu irmão mais novo. A gente saía de casa tipo meia noite para ir lá pra casa do Sérgio Abreu, ia comer frango com farofa da padaria, ainda ficava aberta a esta hora e quando dava três, quatro horas da manhã a gente voltava conversando. E nestas conversas que agente via esses detalhezinhos, uma coisa é a pessoa pública em uma aula, em uma conferência, agora, nessa coisa de ir embora para casa de carro, conversando na madrugada é que a gente se dá conta da dimensão humana. E aí é que eu vi nele essa coisa de verdadeiro professor, aula é uma coisa muito maior do que meramente cumprir lá os quarenta, cinquenta minutos e pegar o próximo. Era um negócio muito visceral nele.

Então, em relação à parte técnica, não era uma obsessão para o Jodacil, para o Jodacil a obsessão era a música, era o som, sonoridade para o Jodacil era tudo. Essa gravação que eu botei, vou terminar com outra, era um senhor de 80 anos, ele já tinha perdido muito tônus muscular, a musculatura dele. Uns três anos antes de morrer, a Ignez me ligou e disse: “Ricardo, preciso conversar com você, a situação está esquisita, não queria que você comentasse com ninguém. Ele fez uma operação de vesícula, foi constatado algo grave”. Uns poucos anos antes ele quase havia morrido. Ela me pediu

sigilo, mas ela mesmo acabou contando a algumas pessoas. Isso aí acabou se espalhando, o que não era para contar para ninguém, acabou que todo mundo sabia que ele estava doente. Como na época o Fábio Zanon estava fazendo aquele programa dele na rádio e eu sabia que ele tinha programado para o ano seguinte o Jodacil, liguei para o Fábio e disse: “olha Fábio, o Jodacil está mal” e sugeri para ele adiantar o programa dele. O Fábio disse que não estava podendo ir ao Rio e me perguntou se eu poderia fazer a entrevista com o Jodacil. E foi muito legal, eu tenho a entrevista guardada até hoje, o Fábio a editou brilhantemente, e dava a impressão que era ele quem estava entrevistando o Jodacil, um negócio muito bem feito.

O Sérgio Abreu era muito amigo do Jodacil, que conheceu o Sérgio desde quando ele tinha seis anos de idade. A Ignez é que fala: “eu dava banho no menino”. E ele, o Sérgio é todo cheio de teoria de alimentação, e falou para alimentar o Jodacil melhor, que ele vai melhorar. A primeira coisa foi fazer um jantar, um macarrão ao molho de cogumelo, o cogumelo tem propriedades que combatem o câncer e não sei o quê. O que a gente puder fazer com o Jodacil a gente faz, já que é inevitável, vamos tratar ele bem. Foi um fiasco o macarrão: Joda separou TODO o cogumelo e não comeu... O médico teria dito para a Ignez que ele teria uns três meses de vida no máximo. Depois de um ano, eu falei: “vamos tratar mal o Jodacil, senão ele não vai morrer nunca, o cara está cada vez melhor”. Eu não sei o que aconteceu, até por causa dele não saber da doença, e tem uma coisa também. Um ano depois disso, voltando da casa do Sérgio de noite, Jodacil veio falar pra mim assim: “se eu tivesse uma doença grave, eu não iria querer saber não”. Aí eu disse: “se eu souber não te conto”. De fato é que passou três anos muito bem, muito bem mesmo. Ele foi melhorando ganhou peso, foi para a Europa, foi homenageado, foi um tempo maravilhoso da vida dele. Aí na mesma época que o disco foi gravado, a coisa foi complicando, daí a coisa já está meio vacilante, já não tem aquele de peso de mão dele. Mas tem uma coisa dele tocando, o Jodacil intérprete, foi a primeira coisa, primeiramente que é inconfundível. Poucas pessoas deixavam a música respirar como o Jodacil deixava. Jodacil tinha uma coisa inata nele, ele sabia exatamente a hora da pausa, a hora de respirar, a música no Jodacil não abafava, a música respirava. Tecnicamente o Jodacil nunca foi um grande violonista, ele tinha dificuldade. Marcelo Kayath ligou outro dia dizendo que achou um vídeo do Jodacil, na casa dele, dos anos oitenta. O vídeo é aquele do Jodacil de sempre, a mão cai na casa errada, mas um som maravilhoso, uma musicalidade fantástica.

Isso é uma coisa com que ele se preocupava muito, antes de se preocupar com muito dedo, muito virtuosismo, não adianta você chegar com um monte de dedo, com um monte de escalas muito rápidas, se não há uma música bonita ali. Ele se preocupava muito com isso, ele se preocupava muito com a mão direita, muito com o peso da mão, com o volume, ele gostava de tirar som, não adianta você ficar tirando casquinha da corda.

Uma vez a gente tava em uma reunião, em uma festa, aí alguém tinha um violão, eu quis experimentar, fui para um cantinho e comecei a tocar baixinho. Ele me deu um esculacho: “olha, vou te falar uma que foi o professor Rebello quem falou quando eu estava estudando lá com ele. Quando você pegar um violão para tocar, toque, não fique no cantinho escondido, por que não é por ai, vá para o meio da sala e toque para todo mundo escutar sua música. Vai pegar no violão, não interessa, pega e toca, não vai ficar por ai de coisinha, escondidinho”. Depois desse esculacho eu aprendi a lição e nunca mais toquei assim, não toquei mesmo! Ele tinha disso, ele tinha umas sacadas, e essa bobagem minha, honestamente falando, eu já falei para outras pessoas que isto de certa forma me marcou. Porque é muito comum isto, o cara está ali tocando e vai para um cantinho para não incomodar ninguém, ou por timidez. Se você é músico, eu não sou, parei com a música há muito tempo e fui trabalhar com lutheria. Se você é músico, você tem que mostrar sua música. Você vai entrar em um palco dizendo: “desculpa, eu vou mostrar uma musiquinha para vocês, eu não quero incomodar ninguém”. Você tem que chegar para tocar dizendo: “eu sou o máximo!”

Ai é que tá a diferença, o Jodacil, ele sempre passou muito isso, mas não assim, eu sou o máximo, eu sou o bom, não. Eu tenho que acreditar que o que vou fazer é o melhor. Você tem que saber que vai subir em um palco e vai tocar, você tem que dar seu recado, você tem que dizer alguma coisa. Uma coisa que o Jodacil falava muito era isso. Primeira aula que eu tive com ele, eu fui tocar *El Noy de la Mare*, eu li aquilo já várias vezes, não é mais nenhuma novidade para mim e tal. A primeira coisa que ele disse foi: “o que você quer dizer com essa música, o que você quer dizer aí, o que você quer contar aí”. Ai eu disse: “eu não quero contar nada, eu quero tocar minha música”. Ele perguntou: “o que está acontecendo nessa música, eu até gostei, você fez um negócio assim, porque que você fez isso, você faz um *glissando* aqui, porque que fez um *rallentando* ali”, e por aí foi.

São umas verdades que ele disse, mas quando agente tá tocando a gente esquece. Quando você está tocando uma música, você está contando uma história. Então conte uma história congruente, pois se você vai contar um caso, a história que eu estou contando do Jodacil, se eu não tiver um princípio, um meio e um fim, se eu chegar para vocês agora e disser, “parei”, porque que eu parei? No meu discurso, essa parada que dei antes de continuar, vocês interpretaram: bom, ele está pensando no que ele vai dizer. Ok, mas se eu estou tocando uma música, se parar no que eu vou dizer, vai ficar esquisito. Porque a música faz parte de uma coisa fluida, de uma coisa contínua. Porque que eu dei um *glissando* aqui, porque eu estendi aquela nota até aqui, porque eu achei bonitinho? Até vale, se eu peguei esta nota e puxei até aqui, vamos ver se, quando esta nota aparecer outra vez,

o que eu vou fazer com ela. Porque de uma vez eu estico ela até aqui, de outra vez eu paro ela aqui, trago ela para cá, vai ficar uma bagunça. Então, quando for tocar, tem que ter um plano do que vai fazer. Uma vez foi um rapaz lá em casa pedir, às vezes é comum isso, não sei vocês conhecem aqui, o fórum de violão erudito, eu falo muito, falo muita bobagem, reclamo muito, mas as pessoas acham que entendo alguma coisa - mas eu não entendo nada! Aí pegam o violão e pedem para eu ouvir alguma coisa. Eu sempre falo: “o que você planejou, quando você pegou esta partitura, o que você planejou?”

Eu me dou conta que sem dar aula, eu repito muito isso que ele fazia. O que é que você quer com essa música, o que é que você quer dizer? O Jodacil não se preocupava com essas coisas: essa música é uma peça do período Barroco, então toma cuidado, você não pode fazer *vibrato*, ele não estava nem aí para essas coisas, faça o que você achar mais bonito. Ainda aquela coisa que o Villa Lobos falou para ele na década de 50: “eu escrevi isso, o Segovia faz assim, você faça como achar mais bonito”. Então ele pensou a mesma coisa, se o Bach falasse comigo ele iria falar a mesma coisa. Isso na cabeça dele, música é para ser bonita, ah, mas isso é subjetivo, tudo é subjetivo. Porque a gente vai dar aula e a gente complica, porque se fala a coisa muito simples, aí a pessoa vai achar fácil e que você não entende da coisa. Então você tem que se mostrar um pouquinho, você tem que, segundo o estudo de Fulano de tal, essa música. Que você é inseguro, que o músico é inseguro, todo mundo é inseguro. Então de cara você vai ter aula e de cara você fala para o seu aluno: “olha, eu sou inseguro, mas eu sei isso e aquilo, mas sei um pouco menos daqui”. Se você tiver uma relação de igualdade com seu aluno, relação de amizade com seu aluno, de respeito com seu aluno, você não quer se mostrar ser mais do que ele e tá aberto para ouvir. Porque ele já me falou: “eu tenho uma ideia minha da música que o cara vai tocar, às vezes o cara me surpreende, às vezes o cara fez de um jeito que eu não pensava e ficou bom, eu vou dizer que está errado só porque está diferente do que eu acho? Eu não”. Funcionou. Agora, a coisa de um modo geral, a didática como a gente tá habituado a ela, não admite muito.

Mas música, e talvez o toque maior do Jodacil, música é arte, definição de arte é uma coisa subjetiva, sempre foi e sempre vai ser. E na cabeça dele: eu acho que tem que ser bonita. Mas o que é bonito, problema é seu, bonito é isso, aquilo, isso e isso.

A grande definição do era o Jodacil como professor era isso, uma pessoa muito humilde, muito respeitosa O Jodacil ouvia o aluno, ouvia ele tocando e ouvia ele falando. Ele ouvia o que o aluno tinha a dizer: “ah, professor eu não gosto disso, eu gosto disso assim”. “Então vamos ver se funciona”. Se ele achasse que funcionava, ele dizia: “funciona”. Ele dizia: “olha, isso não funciona por causa disso, por causa daquilo”. E ele sabia convencer.

Então, o que eu gostaria de deixar, assim, honrando a memória do Jodacil como professor, era isso. A busca dele, o Jodacil gostava de uma música bonita. O Jodacil era uma coisa engraçada, você não conseguia enrolar ele nada não. Ele não era muito fã de música contemporânea não. Ele sabia a diferença, ele não tinha preconceito com uma música mais maluca, mais barulhenta, ele não tinha preconceito, ele ouvia tudo quando era bem feito. O Arthur Kampela foi aluno dele, ele tinha uma admiração profunda pelo Kampela. O Jodacil sabia muito bem quando um cara como o Kampela, que faz umas maluquices, mas faz um troço que tem uma estrutura. O Jodacil não tinha estudos formais muito profundos de música, ele estudou harmonia, contraponto, mas ele sabia quando o cara era músico de verdade e quando o cara estava fazendo papagaiada e, o Jodacil não perdoava papagaiada de jeito nenhum.

Eu queria encerrar com o próprio Jodacil tocando, lembrando isso: é uma gravação de um senhor de 80 anos, pouco antes dele falecer, sem tónus e tal. Geralmente quando a gente termina de falar, vocês naturalmente, por educação aplaudem, peço que não aplaudam agora, aplaudam depois. Eu vou deixar isso só. Quando forem tocar, se perguntem: “será que isso que eu estou tocando é bonito?” Porque era isso que ele perguntava o tempo inteiro, “será que isso está bonito?”. Tá bonito, tá bom.